

HISTÓRIA E SAÚDE: UM DIÁLOGO SOBRE A EPIDEMIA DE AIDS/HIV¹

HISTORY AND HEALTH: THE EPIDEMIC OF AIDS/HIV

Maria Cristina da Costa Marques*
Maria Luiza Marcílio#
Virgínia Berridge¶

RESUMO

O artigo pretende discutir de forma objetiva a importância da inserção da História na pesquisa de objetos de análise da Saúde Pública. A epidemia da AIDS/HIV é tomada como exemplo, tendo-se em conta sua complexidade tanto como um objeto atual de pesquisa quanto como um campo multidisciplinar de análise.

Palavras-chave: AIDS/HIV. História. Saúde pública.

INTRODUÇÃO

O intercâmbio de conhecimentos entre historiadores, profissionais de saúde e cientistas sociais na busca de subsídios teóricos e metodológicos na pesquisa e ensino em saúde pública em seus vários campos, segue uma tendência já presente em diversos centros acadêmicos e de pesquisa. Esse intercâmbio visa à discussão e produção de um ideário mais comprometido, humanitário e abrangente sobre a saúde.

Segundo Cueto e Birn (1996), as pessoas e instituições desenvolvem uma imagem de seu próprio passado que lhes serve para perfilar uma identidade, conhecer seus membros e refletir sobre seu futuro. No caso da saúde pública contemporânea, ressaltam os autores, a necessidade de reformular esta imagem está cada dia mais urgente pela crise, questionamentos e reorientação que experimenta o setor. Considerando este aspecto, entendemos que a história, mais do que promover narrações fatuais, enciclopédicas e celebratórias sobre o passado da saúde pública - o que nem sempre

permite uma análise profunda e crítica dos problemas centrais no desenvolvimento da área - pode auxiliar e apoiar uma reflexão e construção dessa imagem e estabelecer um diálogo positivo com as políticas públicas de saúde.

A história tem-se ocupado da pesquisa de epidemias e respostas coletivas e políticas dadas a elas em sociedades do passado. Tais pesquisas têm contribuído para o entendimento de aspectos importantes da história da humanidade. Entretanto, acreditamos que a História contemporânea, ao envolver-se com a pesquisa e análise das políticas públicas modernas, no caso no campo da saúde, pode também contribuir e assumir papel importante no intercâmbio efetivo entre a pesquisa e o ensino e a construção dessas políticas.

Rosenberg (1995) argumenta que um evento de saúde, entendido como fenômeno social, mobiliza comunidades a revelar comportamentos que incorporam e reafirmam valores sociais e modos de compreensão do evento. Seu caráter público e sua intensidade dramática é que fazem, por exemplo, com que as epidemias e doenças,

¹ Extraído da Tese “ A emergência política da AIDS/HIV no Brasil”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da FFLCH/USP, em 18 de abril de 2001.

* Enfermeira. Doutora em História Social. Docente do Departamento de Enfermagem da UEM desde 20 de agosto de 1985. Disciplina de Introdução à Saúde Pública.

Historiadora. Professora Doutora do Programa de Pós-graduação do Departamento de História da FFLCH/USP.

¶ Historiadora. Professora Doutora da London School of Hygiene and Tropical Medicine. Londres.

antigas e modernas, constituam-se em um espaço de entendimento das relações entre ideologia, estrutura social e a construção de respostas ao fenômeno. Aos cientistas sociais as epidemias revelam-se como importantes espaços de pesquisa na reconstrução e análise de valores sociais e práticas institucionais em diferentes sociedades.

A promoção de estudos interdisciplinares que contemplem abordagens teóricas e temas de investigação pertinentes à história das ciências, da saúde pública e das profissões em saúde, pode permitir a inserção de um diálogo mais positivo da história com as políticas públicas, com as instituições de saúde e com a formação de seus profissionais.

AIDS E HISTÓRIA

Nas últimas duas décadas, os diversos campos de conhecimento estiveram envolvidos na pesquisa sobre a AIDS/HIV, construindo um arcabouço teórico que nos permite hoje um entendimento, embora ainda incompleto, da epidemia em suas dimensões sociais, antropológicas, biológicas, psicológicas, entre outras. No campo da história, pudemos perceber um envolvimento tímido da disciplina no Brasil, na pesquisa em relação à AIDS/HIV.

Duas décadas após o relato do suposto primeiro caso de AIDS/HIV no Brasil, os sentimentos de medo, pânico, negação e preconceito que acompanharam a epidemia em seu início parecem acomodar-se em um passado distante, presente apenas na memória de quem conheceu o mundo sem a AIDS e estava seguro de que epidemias faziam parte de histórias de sociedades antigas. A tecnologia médica e os métodos de prevenção e tratamento de doenças infecciosas desenvolvidos durante o século XX asseguravam ao mundo moderno a certeza do controle de epidemias, delegadas ao imaginário de pestes e cólera, um pesadelo que não se repetiria.

A questão que inicialmente aparece é: como a história pode envolver-se com um objeto de pesquisa essencialmente contemporâneo sem cair na armadilha comum de apenas buscar a “lição do passado”, ou seja, analisar a epidemia de AIDS/HIV sob o enfoque de experiências de epidemias passadas?

Entendemos que essenciais na análise são os referenciais propostos pela história denominada do tempo presente – aqui resumidos nos enunciados de Le Goff (1999): a) Ler o presente e seus acontecimentos com suficiente e pertinente profundidade histórica; b) manifestar na leitura das fontes a criticidade necessária ao historiador segundo os métodos adaptados na análise; c) não apenas descrever ou recontar os acontecimentos, mas se esforçar para explicá-los; d) hierarquizar os acontecimentos, distinguir a periodicidade do fato significativo e importante e integrá-lo em uma problemática reconhecida historicamente.

Lacouture (1990), Chauveau e Tétart (1992) e Rioux (1999) discutem a importância da História do Presente, acreditando que esta pode permitir o posicionamento social do historiador em seu tempo, mas advertem para as dificuldades dessa história na medida em que o pesquisador passa a ser sujeito de seu objeto, engendrado nos acontecimentos que estuda. A proximidade temporal é o argumento mais invocado como fator limitador à História do Presente. Sobre o entendimento e a possibilidade da História do Presente, Rioux refere

Um vibrato do inacabado que anima repentinamente todo um passado, um presente pouco a pouco aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas: é um pouco isto, a história do presente (RIOUX, 1999, p.50).

Tais considerações, ou provocações, suscitadas pelas discussões sobre a relevância e possibilidade do presente como objeto da História, nos colocam questões importantes sobre o tema deste artigo. Pode a AIDS ser objeto da história? A proximidade dos acontecimentos provocados pelo aparecimento dessa epidemia moderna configura-se como obstáculo possível de ser transposto para uma investigação histórica com o rigor científico esperado?

A proximidade a que nos referimos diz respeito à questão do tempo, do distanciamento temporal tão discutido na história para uma análise desapaixonada do tema de pesquisa. Ousaríamos responder a essas questões remetendo-nos a dois pontos importantes. O

primeiro diz respeito ao engajamento do historiador às demandas da sociedade moderna, cada vez mais ávida por respostas consistentes a acontecimentos, movimentos e fatos que ela produz. O segundo é a própria noção de tempo, a que nos remete a intensidade de significações que a AIDS produziu nestas últimas duas décadas.

Em relação ao primeiro ponto, nos dirigimos a Chauveau e Tétart (1992, p.17), quando discutem a evolução da História do Presente a partir dos anos 60. Os autores afirmam que "... a demanda social é, portanto, um vetor central", para o reconhecimento e legitimação desse tipo de pesquisa. A AIDS, como um dos acontecimentos cruciais do século XX, suscitou uma demanda social por respostas efetivas, mesmo que incompletas, das quais o historiador não poderia estar ausente, sob o risco de perder a oportunidade de participar da própria construção da história da sociedade atual.

Quanto à noção de tempo, a que nos referimos em relação à AIDS como objeto da história, ressalta Ricoeur (1997, p.406): "O tempo é dinamizado como força da própria história, essa que dá sentido ao tempo." Estas últimas duas décadas, vividas com a presença da AIDS, superam, em nosso entender, em densidade de significações, as relações cronológicas.

Pensar o início dos anos 80, ou mesmo a década anterior a esse período, nos remete a um tempo sentido como longínquo, quando questões como qual seria o comportamento coletivo ante uma epidemia não fazia parte da agenda científica da História do Presente ou da Saúde Pública. Esse tempo sentido, que é o tempo da história da AIDS na sociedade moderna, nos permite afirmar, ou pretender, que o distanciamento temporal em relação ao objeto de pesquisa o qualifica e o legitima como objeto da História.

Hobsbawn (1995) considera que o ponto de partida para a pesquisa na história contemporânea deveria ser a descoberta do engano, o senso de que talvez não tenhamos entendido algo na história da sociedade. O autor argumenta que os historiadores cujos objetos de pesquisa estão inseridos na história contemporânea devem olhar para o evento estudado com um senso de desconfiança, com a surpresa da descontinuidade em relação ao que parecia inevitável. Pensando o surgimento da AIDS/HIV sob essa perspectiva, parece-nos que ela se insere nesse conceito, visto que a epidemia emergiu como uma descontinuidade em uma realidade histórica, na qual as doenças infecciosas pareciam estar dominadas pela ciência moderna, o preconceito em relação às pessoas infectadas seria um erro do passado, e as epidemias e pandemias podiam ser conhecidas apenas em trabalhos históricos.

Passados os primeiros anos, quando a história da epidemia está sendo escrita em seus diversos aspectos, muitos trabalhos têm reconhecido que um importante aspecto da AIDS/HIV é justamente sua continuidade com o passado recente da sociedade, e sua história está articulada com os comportamentos desta, coletivos, pessoais e institucionais.

É em meio a acontecimentos importantes no cenário político brasileiro e, por conseguinte, na saúde pública, que a AIDS/HIV surge como um problema efetivo de saúde a ser respondido pelo poder público. As respostas políticas a esse problema emergente de saúde vão ser evidentemente influenciadas por esses acontecimentos. A questão que a história pode ajudar a analisar é se as mudanças na configuração dos espaços decisórios das políticas públicas no Brasil no período significaram também mudanças na forma de construção dessas respostas, tradicionalmente distantes da realidade social brasileira.

HISTORY AND HEALTH: THE EPIDEMIC OF AIDS

ABSTRACT

The article aims to discuss the importance of the History in the research of Public Health. The AIDS/HIV epidemic is analysed as a example since its complexity as a contemporary issue and as multidisciplinary area of study.

Key words AIDS/HIV. History. Public health.

REFERÊNCIAS

- CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. **Questions à l'histoire des temps présents**. Paris: Editions Complexe, 1992.
- CUETO, M.; BIRN, A. História Social de la Salud Pública en América Latina in Salud. In: CUETO, Marcos (Ed.). **Cultura y Sociedad en América Latina**. Lima: Organización Panamericana de la Salud, 1996
- HOBBSBAWN, E. O presente como história: escrever sobre a história de seu tempo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 43, p.103-112, nov. 1995b.
- LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, J. **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1997.
- RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ROSENBERG, C. E. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- MARQUES, M. C. C. **A emergência política da AIDS/HIV no Brasil**. 2001. 241 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de história da USP – FFLCH, São Paulo, 2001.

Endereço para correspondência: E-mail: mcmarques@uol.com.br ou mccmarques@uem.br.